



VENEZUELA

Em carta assinada com María Corina, o ex-diplomata Edmundo González conlamenta militares a respeitarem o resultado das urnas e se proclama presidente eleito. Ministério Público abre investigação criminal. Conselho Nacional Eleitoral entrega atas à Corte Suprema

Oposição pede a Exército que fique do lado do povo

» RODRIGO CRAVEIRO

Em carta dirigida aos venezuelanos, aos militares e aos policiais, publicada por volta das 15h30 de ontem (16h30 em Brasília), a líder opositora María Corina Machado e Edmundo González Urrutia — que assina como “presidente eleito da Venezuela — conclamaram as forças de segurança a pararem de reprimir as manifestações e a respeitarem a decisão das urnas. “Fazemos um chamado à consciência dos militares e policiais para que se coloquem ao lado do povo e de suas próprias famílias. Com essa massiva violação dos direitos humanos, o alto comando se alinha com (Nicolás) Maduro e seus interesses vis”, afirma o texto.

“Nós, venezuelanos, não somos inimigos das Forças Armadas Nacionais. (...) Pedimos a vocês que impeçam a selvageria do regime contra o povo e a respeitar, e fazer respeitar, os resultados das eleições de 28 de julho. Maduro deu um golpe de Estado que contraria toda a ordem constitucional e quer torná-los cúmplices”, acrescenta.

María Corina e Edmundo González afirmam que “ganharam as eleições sem dúvida alguma”. “Foi uma avalanche eleitoral, cheia de energia e com uma organização civil admirável, pacífica, democrática e com resultados irreversíveis. Agora, corresponde a nós todos fazer respeitar a voz do povo. Procede, de imediato, a proclamação de Edmundo González Urrutia como presidente eleito da República”, finaliza a carta, recebida com indignação pelo Palácio de Miraflores.

A resposta demorou três horas e veio na forma da abertura de investigação criminal por parte do Ministério Público contra María Corina e Edmundo González. Por meio de um comunicado, Tarek William Saab, procurador-geral da Venezuela, afirma que os dois opositores fizeram uma

Gabriela Orta/AFP



Edmundo González (D) e María Corina (E) discursam em comício na Universidad Central de Venezuela, em 14 de julho passado



Fazemos um chamado à consciência dos militares e policiais para que se coloquem ao lado do povo e de suas próprias famílias”

Carta assinada por Edmundo González e por María Corina

“incitação aberta a funcionários policiais e militares à desobediência das leis”, “No citado pronunciamento, se evidencia

o suposto cometimento dos delitos de usurpação de funções, difusão de informação falsa para causar ansiedade, instigação à desobediência das leis, instigação à insurreição, associação para delinquir e conspiração”, afirma Saab.

Documentos

Na noite de ontem, o chefe do Conselho Nacional Eleitoral (CNE), Elvis Amoroso, entregou à Corte Suprema as atas das eleições presidenciais. Maduro assegurou que os documentos comprovam sua vitória no pleito e pediu ao máximo tribunal do país a certificação dos resultados. “Entrega-se tudo o que

foi solicitado pelo máximo Tribunal da República”, disse Amoroso durante uma audiência, sem dar mais detalhes.

Em entrevista ao **Correio**, por telefone, Antonio Ledezma — ex-prefeito de Caracas, ex-presos político exilado em Madri e coordenador do Conselho Político Internacional de María Corina Machado — garantiu que as atas eleitorais comprovam a vitória de Edmundo com uma diferença devastadora. “Por isso, o que corresponde, agora, é que ele seja proclamado presidente legítimo e eleito da Venezuela. A eleição ocorreu, e Edmundo González obteve a maioria dos votos. Portanto, não pode haver nenhum tipo de manobra para impedir a proclamação”, disse.

Eu acho...

Tiziana Fabi/AFP



“A pressão internacional contra Nicolás Maduro está em marcha. Ela tem alcance global, desde o Japão, que forma parte do G-7, até os governos latino-americanos. Inclui líderes antagônicos, como os presidentes Lula e Javier Milei, que fizeram um chamado ao reconhecimento do resultado das urnas.”

Antonio Ledezma, ex-prefeito de Caracas e coordenador do Conselho Político Internacional de María Corina Machado

CRISE EM BANGLADESH

Premiê foge e militares formam governo interino

As imagens que chegavam de Daca impressionavam. Milhares de manifestantes, em sua maioria estudantes, marcharam pelas ruas da capital de Bangladesh em direção ao palácio da primeira-ministra Sheikh Hasina. As forças de segurança reagiram de forma desmedida e mataram mais 20 pessoas, depois de um fim de semana sangrento, quando o número de mortos se aproximou de 100. Pressionada pelas Forças Armadas, a “Dama de Ferro” abandonou o poder depois de 15 anos e fugiu do país de helicóptero, antes mesmo que a multidão invadisse a residência oficial do governo. Desde o início dos protestos, em 14 de julho, pelo menos 350 bengalis perderam a vida.

Em pronunciamento à nação exibido pela televisão estatal, o general Waker-Uz-Zama, comandante do Exército, anunciou o fim do governo de Hasina e declarou que os militares formariam um governo interino. “Bangladesh sofreu muito, a economia foi afetada, muitas pessoas morreram, é o momento de acabar com a violência”, pediu Waker. Em um aceno democrático, o presidente Mohammed Shahabuddin determinou a soltura dos manifestantes detidos e do ex-premiê e líder opositor Khaled Zia.

Os protestos de ontem tiveram dois momentos icônicos: além da invasão ao palácio, a derrubada — por parte dos manifestantes — da estátua do pai de Hasina, Mujibur Rahman, herói da independência do país em 1971. A agência de notícias

Onde fica



France-Presse informou que opositores e partidários do governo se enfrentaram em todo o território bengali com pedaços de pau e facas. As tropas utilizaram munição real para conter os distúrbios.

Morador de Thakurgaon, a 384km ao norte de Daca, o estudante Muhammad Nahid Hasan, 19 anos, quase entrou para as estatísticas no domingo. “Fui baleado na perna e atingido por um tijolo nas costas. Particpei dos protestos desde o início. Muitas pessoas me ameaçam de morte por sair às ruas. Estou muito feliz hoje, essa felicidade não pode ser explicada em palavras”, afirmou ao **Correio**. Questionado sobre o futuro do país, Hasan disse ter esperança de dias melhores. “A ditadura cairá, a democracia e a

K M Asad/AFP



Manifestantes sobre o telhado do palácio da primeira-ministra Hasina, em Daca

escolha pelo voto popular prevalecerão”, respondeu. Ele aposta que, com a fuga de Hasina, os militares não se manterão no comando do país. “Creio que o Exército se comprometerá com os partidos políticos — Partido Nacionalista de Bangladesh (BNP), Jamaat e Jatiya — e repassará o poder para eles.”

Hasan contou que as Forças Armadas impuseram toque de recolher por todos o país — a medida ficará suspensa a partir de hoje. “Tanques guardam locais importantes. Policiais e soldados estão por todos os lugares. O Ministério das Relações Exteriores ordenou disparos contra quem desrespeitar o toque de recolher”, relatou. Os protestos começaram em 14 de julho, motivados pela

reintrodução do sistema de cotas estudantis que reservava mais da metade dos empregos públicos para determinados grupos. Os críticos acusavam o governo de Hasina de usar as cotas para beneficiar grupos leais ao partido Liga Awami, da ex-primeira-ministra.

A também estudante Samira Khan, 19, disse à reportagem que a atmosfera, ontem, em Daca, era de alegria. “Todo mundo está muito feliz com a queda do governo ditatorial. Fui para a rua e ajudei a derrubar a ditadura”, comentou. “Além do sistema de cotas, o governo privou-nos de nossos direitos ao voto por 15 anos. Também protestamos contra a corrupção. Ministros da Liga Awami contrabandearam dinheiro para fora do

No domingo, a União Europeia (UE) somou-se aos Estados Unidos e a países da América Latina que não reconhecem o resultado das eleições. Por sua vez, o papa Francisco pediu “a busca da verdade” na Venezuela. Em meio à pressão, Maduro pediu o boicote ao aplicativo de mensagens WhatsApp, ao alegar que militares, policiais e líderes comunitários que defendem sua reeleição receberam “ameaças” por esta via. “Vou romper relações com o WhatsApp, porque o estão usando para ameaçar a Venezuela. Vou passar meus contatos, pouco a pouco, para o Telegram, o WeChat”, declarou, em evento com simpatizantes do chavismo, em Caracas.

Eu acho...

Arquivo pessoal



“Desde que ascendeu ao poder, em 2005, Sheikh Hasina cometeu muitos assassinatos para se manter no poder. Em 2013, ela ordenou a morte de cerca de 500 estudantes, no meio da noite. Por aqui, todos a chamavam de assassina. Ela foi uma ditadora.”

Muhammad Nahid Hasan, 19 anos, estudante, morador de Thakurgaon

país. Eles não foram julgados, porque o Judiciário foi fechado.”

Nações Unidas

O secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), António Guterres, defendeu uma “transição democrática” no país asiático. “Guterres insta todas as partes à calma e à moderação e destaca a importância de uma transição pacífica, ordenada e democrática”, afirmou o porta-voz adjunto, Farhan Haq. O chefe da ONU pediu “total respeito aos direitos humanos” e “uma investigação completa, independente e transparente de todos os atos de violência”, acrescentou o porta-voz em um comunicado. (RC)